

mente após a morte. Cristo protegeu esta lição que estava ministrando aos judeus, contra a dedução de conclusões errôneas, apresentando-a em forma de parábola.

"Ao empregar a linguagem alegórica, bem podia Ele apresentar os inconscientes mortos mantendo uma conversação, sem forçar a conclusão de que os mortos estivessem conscientes. Em outra parte da Bíblia, encontramos a vívida parábola das árvores que 'foram uma vez ungir para si um rei' e mantiveram entre si uma conversação. (Vejam-se Juízes 9:7-15; II Reis 14:9). Por que não tentar provar por essa parábola que as árvores falam e que elas têm rei? Não, direis, isso seria querer fazê-la provar mais do que era a intenção do autor. Concordamos. A mesma regra aplica-se à parábola do rico e Lázaro".

LÍNGUA DE JESUS

Quando entre os homens, que língua Jesus falou? — A. J. D.

Jesus falou o aramaico. Ao tempo de Cristo, o aramaico tornou-se a língua-mãe da população da Palestina. Os judeus, como resultado do cativeiro babilônico, adotaram essa língua, durante os últimos séculos da Era pré-Cristã, em lugar da língua hebraica.

Facilmente se entende que Jesus se expressou em aramaico em virtude, além de outras comprovações históricas, do elevado número de palavras e expressões usadas por Ele naquele idioma. Exemplos: "Talitha cumi" (Mar. 5:41); "Effata" (Mar. 7:34); "Eloi, Eloi, lamá sabactani?" (Mar. 15:34) — são algumas das expressões aramaicas ditas por Jesus.

Falando sobre o uso do aramaico naqueles dias, diz nosso comentário em inglês: "A Bíblia era ainda lida em hebraico nos cultos das sinagogas. Ao tempo de Cristo, muitas pessoas, especialmente as mulheres, não podiam entendê-lo. Por esse motivo, tornou-se rotineiro os leitores das sinagogas traduzirem passagens das Escrituras para o aramaico. Mais tarde, foram feitas traduções escritas do Velho Testamento para o aramaico — os tão conhecidos Targums".

Vale acrescentar que a língua dos arameus forma um dos ramos mais importantes das línguas semíticas. Do ponto de vista literário, o aramaico é inferior ao árabe e ao hebraico, pois sua fonética é pesada, as formas gramaticais são muitas vezes abreviadas. Além disto, falta-lhe a finura de sons.

Em virtude do espírito mercantil dos povos que a falavam, tornou-se o idioma internacional que serviu de meio de comunicação entre os povos de diferentes línguas da bacia do Eufrates e do Tigre. Era a língua oficial da chancelaria e dos atos públicos na Assíria e Babilônia. Por meio de papiros, inscrições e moedas, pode-se demonstrar que o uso desse idioma estava igualmente difundido pela Assíria, Sicília e Capadócia. O mesmo

ocorria na Palestina, conforme se pode notar através do livro de Esdras.

"DEBAIXO DA GRAÇA"

Sou adventista faz algum tempo, mas ainda não consigo explicar com a clareza que se requer, a expressão "debaixo da graça", encontrada em Romanos 6:14. Para mim o assunto é claro, mas não sei convencer os oponentes da lei. — J. F.

Antes da expressão "debaixo da graça", o apóstolo das gentes, Paulo, usa a expressão "debaixo da lei". O que significa estar "debaixo da lei"?

Quer dizer estar sob a condenação da lei. A pessoa transgrediu a lei e esta o acusa e condena. Isto se verifica com relação a qualquer tipo de lei a que alguém esteja sujeito. As leis do trânsito, por exemplo. Verifica-se a infração: O motorista é passível de condenação. No entanto, ao pagar a multa, a que está sujeito (de acordo com o previsto na lei), a culpa deixa de existir. Imediatamente o culpado passa a gozar o direito de continuar dirigindo, sem que as leis do trânsito o condenem, a não ser que venha a reincidir. Não estando "sob as leis do trânsito", isto é, não sendo transgressor ou infrator, encontra-se livre para dirigir, ou seja, "debaixo da graça do trânsito". Não pode ser condenado enquanto for obediente à sinalização.

O mesmo ocorre com o cristão. Paulo, ao escrever o verso em lide, dirigia-se aos cristãos de Roma. Tratava-se de pessoas convertidas. Isto está bem claro ao lermos os versos 2 e 3 do mesmo capítulo: "Nós, que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele? Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte?"

Vê-se, claramente, que Paulo endereçava tais palavras a crentes convertidos, para os quais o mundo já havia morrido. Como se não bastassem esses versos citados, leiamos o 17 e o 18: "Mas graças a Deus que, tendo sido servos do pecado, obedecestes de coração à forma de doutrina a que fostes chamados. E, libertados do pecado, fostes servos da justiça".

Ora, a expressão "obedecestes de coração à forma de doutrina" equivale a guardastes a lei de Deus. Sendo assim, os crentes de Roma estavam libertos do pecado, isto é, livres da condenação da lei enquanto obedecessem aos seus reclamos pela graça de Cristo.

O consulente será bem sucedido ao expor este assunto, se apresentar ainda a seguinte linha de argumentação:

Quando os cristãos romanos (a quem Paulo se dirigia, repetimos) estavam no pecado, a lei os condenava. Estavam "debaixo da lei". Eram réus de juízo. No entanto, o apóstolo lhes prega o evangelho da graça, e eles o aceitam de coração, convertendo-se. Ao se arrependem de seus pecados, Deus lhes perdoou as faltas, pela fé que deposi-

tavam em Cristo como seu Salvador pessoal, ao mesmo tempo que a lei deixava de condená-los. Pela graça foram perdoados. O dom do perdão foi obra da graça, que se lhes manifestou na forma de justiça imputada. Deus riscou a culpa que impedia de seus ombros. Assim, os cristãos romanos não eram mais servos do pecado, mas servos de Cristo. Mediante a graça foram perdoados e por ela mantiam-se obedientes à lei. Esta, não encontrando neles falta alguma, não os condenava. Era tão-somente para eles um padrão de justiça, de conduta. É por isso que o mesmo Paulo diz que a lei é "santa, justa e boa". Isto é, mostra a situação do pecador e lhe aponta o remédio, Cristo Jesus.

Aproveitando a oportunidade, gostaríamos de demonstrar uma maneira em que muitos, infelizmente, permanecem "debaixo da lei", embora pensem que estão "debaixo da graça".

Trata-se daquelas pessoas comumente conhecidas por "legalistas". Muitos judeus caíram nesse extremo lamentável. E há, ainda, este tipo de gente na igreja, hoje. Têm uma visão estereotipada do evangelho da graça. Dizem que aceitaram a Cristo, mas continuam carregando um pesado fardo. Pensam que estão "debaixo da graça", mas se acham sob o tacão da lei. Trocando em miúdos, estão "fazendo força" para guardar a lei e, assim, livrar-se de sua condenação. Ora, somente por meio da graça que nos liberta da condenação do pecado, é que podemos viver em harmonia com os princípios contidos no Decálogo.

A propósito, citemos o seguinte trecho do comentário adventista, com referência a Rom. 1:14: "A lei não pode salvar o pecador, nem pode pôr fim ao pecado e seu domínio. A lei revela o pecado (Rom. 3:20), e, em virtude da pecaminosidade do homem, a lei, por assim dizer, faz com que a transgressão aumente (cap. 5:20). A lei não pode perdoar o pecado, nem pode prover qualquer poder para vencê-lo. O pecador que procura ser salvo sob a lei, encontrará somente condenação e profunda sujeição ao pecado. Sempre que se admitir que o homem pode ser salvo mediante os próprios esforços, não haverá barreira eficaz contra o pecado". "O cristão, porém, não busca a salvação legalisticamente, como se pudesse ser salvo pelas próprias obras de obediência (Rom. 3:20, 28). Reconhece que é transgressor da lei divina, que em sua própria força é totalmente incapaz de cumprir seus reclamos, que merece estar sob sua condenação, e submetendo-se, mediante a fé em Cristo, à graça e misericórdia de Deus (ver verso 24), seu pecado passado é perdoado, recebendo poder para caminhar em novidade de vida. Quando o homem está "sob a lei", a despeito de seus melhores esforços, o pecado continua a ter domínio sobre ele, porque a lei não pode livrá-lo do poder do pecado. Sob a graça, entretanto, a batalha contra o pecado não é uma empresa arriscada, mas uma vitória certa".